

José Alexandre da Silva

1. Condessa de Barral: História e Gênero Biográfico¹

PRIORE, Mary Del. *Condessa de Barral, a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Já é antigo o debate sobre a forma como os historiadores apresentam os resultados de suas pesquisas. Via de regra, ainda se acredita que os livros de história têm uma linguagem demasiadamente erudita e incapaz de atingir um público amplo. Por outro lado, também é sabido que a história tem despertado cada vez mais o interesse de leitores, e ganham destaque nesse contexto as reportagens históricas, livros escritos por jornalistas. Esses jornalistas, por sua vez, gabam-se de serem donos de uma escrita mais agradável e capaz de atingir um público maior e não especializado. O fenômeno mais significativo nessa direção talvez tenha sido a coleção *Terra Brasillis*, de Eduardo Bueno, que teve suas vendas alavancadas pela comemoração dos 500 anos do “descobrimento” do Brasil. O mais recente é o livro *1808*, de Laurentino Gomes, que se utilizou do aniversário de 200 anos da vinda da família real como trampolim para vendas, e na esteira do sucesso já lançou também *1821*. Mais uma autora que não passa despercebida nesse ramo é a historiadora Mary Del Priore que, depois de ganhar vários prêmios por suas obras acadêmicas, lança-se no mercado editorial com biografias históricas, entre as quais destacamos agora a da condessa de Barral.

A primeira empreitada de Mary Del Priore direcionada a um público mais amplo foi *O Príncipe Maldito*, obra que precedeu o livro ora resenhado. A autora afirma ter vislumbrado a opção de escrever livros de divulgação na década de 1990:

Quando me mudei para o Rio de Janeiro descobri os arquivos do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e percebi quantos filões poderiam nascer dali. E, nesse momento, houve uma ruptura naquilo que eu considerava que poderia ser uma carreira, como historiadora, e não como professora. Nunca me senti professora de nada e nem de ninguém. Então naquele período, vislumbrei a possibilidade de fazer livros de divulgação que chamassem a atenção para a questão da história do Brasil. Escrever sobre personagens que fossem desconhecidos usando-os como janelas para o passado. (PRIORE, 2010, p. 52)²

1 Resenha da obra PRIORE, Mary Del. *Condessa de Barral, a paixão do imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

* Professor de História da SEED (Secretaria de Estado da Educação do Paraná), membro do GEDHI (Grupo de Estudos em Didática da História) e mestrando em Educação pela UEPG. (Universidade Estadual de Ponta Grossa) <http://alexandre-textosdeopinio.blogspot.com/>

2 Alguns trechos da citação são bastante elucidativos a respeito da concepção da autora que segmenta as atividades de professora e de historiadora.

Vale notar na postura da autora uma divisão bastante nítida entre textos direcionados para profissionais de história e livros destinados a um público amplo, no sentido de que textos acadêmicos e obras destinadas ao grande público são coisas diferentes. Podemos encontrar uma ideia similar a essa na formulação de Jorge Caldeira “biografia para comprovar tese é loucura”. Um contraponto interessante a esse posicionamento é dado por Schimidt:

Penso, pelo contrário, que os estudos biográficos podem ser de grande valia para a comprovação ou para a refutação de diversas teses consagradas. Só para lembrar um exemplo, bastante conhecido, o trabalho de Ginzburg (1987) sobre o moleiro Menocchio possibilitou repensar as relações entre cultura camponesa e cultura letrada na Europa pré-industrial. (SCHIMIDT, 1997, p. 11)

No caso da condessa de Barral, Del Priore afirma ter tido a sorte de “encontrar documentação inédita, embaixo do nariz de todo mundo. Os diários da Condessa de Barral [...] estavam aqui no Instituto Histórico e Geográfico” (PRIORE, 2010, p. 53). Além das cartas da condessa, o livro é fundamentado em vasta documentação e bibliografia nacional e internacional, que dão fôlego a sete capítulos sobre as diferentes fases da vida da condessa. Nesse livro, a autora opta por fazer uma narrativa linear, evitando recursos comuns nas biografias, como os flashbacks. Evidentemente cada capítulo não é estanque em si, mas a organização da obra segue a cronologia dos fatos. No final da obra é apresentada a bibliografia utilizada em cada capítulo, sinal da preocupação em se expor as fontes a leitores que possam se interessar pelo trabalho, sem, contudo, onerar o texto com notas de rodapé. As citações de fontes são apontadas diretamente no corpo do texto, incorporadas na narrativa, de uma forma elegante, que não o torna pesado.

Luísa Margarida Portugal e Barros é o nome com o qual foi batizada a futura condessa de Barral, nascida em 1816. Mary Del Priore encontra motivos variados para chamar a atenção para a vida da condessa:

[...] Luísa ia revirar o mundo de ponta cabeça. Não só porque teve uma relação muito especial com D. Pedro II, mas porque teve uma relação muito especial com a vida. Devorou-a com apetite. Tomou o destino nas próprias mãos. Verdadeira camaleoa, Luísa se negou a ser prisioneira dos limites de sua época. Preferiu as aventuras do dia-a-dia. Inventora de uma maneira de viver, criadora de uma imagem de si, Luísa modelou seu destino, sempre insatisfeita com o que lhe foi dado. Sua existência, como a de todos os personagens fascinantes da história, foi marcada por ambigüidades. Ela foi “maravilhosa”, coquete e amante. Quando quis, no entanto, foi esposa exemplar. (PRIORE, 2008, p. 14)

Mas o fato que definitivamente tornou sua vida interessante foi a relação que a bela Luísa teve com o imperador D. Pedro II. Relação essa que, certamente, não duraria se a mulher casada fosse dotada apenas de “coquetterie” e graça, considerando o apreço do monarca pelo conhecimento e a inteligência. A escolha da personagem biografada,

nesse sentido, também atende a um pré-requisito do gênero biográfico, pois é a vida de uma mulher que teve um relacionamento com alguém importante, o que é capaz de aguçar a curiosidade dos leitores.³

O pai de Luísa se chamava Domingos Borges de Barros, era filho de senhores de engenho da Bahia. Homem culto, educado na Europa, estudava em Coimbra quando Napoleão Bonaparte tomou o poder na França. Sua mãe era D. Maria do Carmo De Gouveia, antes de se casar com Domingos uma jovem e rica viúva. Luísa vivera parte de sua infância em côrte francesa, pois Domingos fora nomeado para servir como diplomata e representante do Brasil na França, serviços recompensados com o título de Marques de Pedra Branca.

Entre as fotos e imagens do livro, a de Luísa quando jovem explica bem o interesse que ela despertava nos homens. Para surpresa de todos, em 1835 Luisa reivindicava escolher seu destino. Pior para o rico Miguel Calmon Du Pin e Almeida, o Marques de Abrantes, com quem Domingos já havia arranjado um casamento para a filha. Contava contra Abrantes também o fato de ser contemporâneo do pai da moça. Bom para o jovem e pobre nobre francês Eugênio de Barral, que depois de um longo cortejo se casou com Luísa. Em 1837, o casal se mudou da França para a Bahia. As relações do Marquês de Pedra Branca tornaram Luísa dama de honra da princesa Francisca de Bragança e depois aia das filhas do imperador D. Pedro II.

Como evitar que o livro se torne mais interessante a partir do capítulo cinco quando a historiadora narra o convívio da condessa de Barral, na condição de responsável pela educação das princesas, com o imperador? Estaria a biografia da fascinante condessa sendo refém de um caso extraconjugal com imperador? Seja como for, os detalhes da trama são deliciosos. Ao menos para os ávidos por segredos sórdidos de personagens importantes, como a decepção de Pedro II ao conhecer a imperatriz D. Tereza Cristina e a demora do mesmo em consumir o casamento, o que acarretava em apreensão e cochichos de corredor. Ou a pergunta de uma das princesas sobre o motivo pelo qual durante as aulas o pai, pensando estar protegido pelas saias da mesa, dava pequenos pisões nos pés da aia. Ou ainda a correspondência entre o imperador e a condessa, que é exposta pela historiadora na forma de um quebra-cabeça muito interessante da relação dos dois.

Em vista de outros poucos casos que se sabe que D. Pedro II teve fora do casamento, sua relação com a condessa de Barral se mostrou bastante duradoura. Quando não estavam próximos, comunicavam-se por correspondência. Por vezes a condessa escrevia ao imperador da forma que somente uma amante podia fazer. Quem mais poderia chamar a atenção de um chefe de Estado pela maneira despojada que adotara em suas viagens para o exterior quando esse queria ser apenas o “cidadão Pedro d’Alcântara”? (CARVALHO, 2007, p. 10)⁴. Certamente a autoridade da condessa advinha da intimidade com o monarca, e monarquista convicta que era não conseguia entender os arroubos republicanos do imperador. A afeição entre os dois não se restringiu à juventude de ambos. A despeito do que ele escrevia em 1880 – “Ah! Se lhe contasse tudo o que imaginei nas

3 A respeito das biografias vale a pena levar em conta que “[...] um certo voyeurismo, mais ou menos velado [...] impele muitos autores a investigar minuciosamente a vida privada dos outros, sobretudo dos personagens destacados, a fim de demolir mitos (transformando-os em ‘gente como a gente’) ou simplesmente para saciar a curiosidade dos leitores.” (SCHIMIDT, 1997, p. 2)

4 Essa obra se trata de boa biografia do imperador D. Pedro II

lindas noites dos campos do Paraná” (PRIORE, 2008, p. 215) –, a correspondência da fase final da relação dos dois denunciava mais uma relação regida pelo afeto e pelas lembranças. Principalmente por causa da distância e pelo fato de a condessa ser uma viúva com um filho adolescente cheio de brios.

Para aqueles que acreditam que certas minúcias só podem ser conseguidas pelo treinamento de jornalista, Mary Del Priore dá uma lição. Sua obra, *Condessa de Barral – a paixão do Imperador*, tem os ingredientes de uma boa biografia: grande apelo editorial, pois a personagem biografada possui importante papel na vida privada de D. Pedro II; e riqueza de detalhes, contextualização e descrição de cenas e costumes. Ainda que a obra faça menção à vida privada de personalidades importantes, ela não se restringe a isso: relata a história de uma mulher que possui um quê de *outsider* e é atípica em sua época, por ter um grau de autonomia talvez maior do que o de muitas de suas contemporâneas. Talvez seja isso o que lhe confere seu caráter inusitado. A autora também é magistral em imbricar fatos pessoais e contexto histórico, tirando qualquer sinal de tonalidade particularista da obra. Uma obra que desmente a ideia de que historiadores não sabem escrever para um público mais amplo.

BIBLIOGRAFIA:

CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II, ser ou não ser*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

PRIORE, Mary Del. *Condessa de Barral, a paixão do imperador*. **Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.**

PRIORE, Mary Del. Entrevista concedida a *Rodrigo Elias e Fabiano Vilaça*. *Revista de História da Biblioteca Nacional*. Rio de Janeiro, 2010.

SCHIMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 19, 1997, p. 11.